

O Grand Tour

Este título causar-vos-á, certamente, algum espanto; pelo menos foi o que me sucedeu ao ser desafiada a escrever algo sobre o tema.

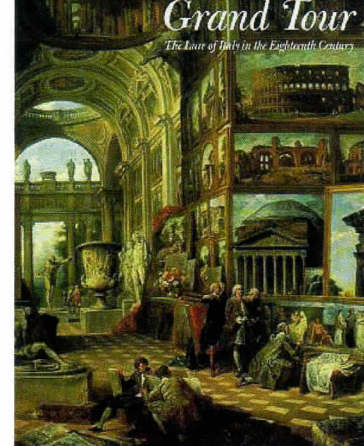
Esclarecida sobre o que se pretendia a ideia foi mais uma janela que se abriu em termos culturais, aprendi bastante e achei muito interessante a matéria, tanto mais que não passava de uma vaga ideia... Não há dúvida de que se aprende até morrer – é só querer.

Então recuemos ao século XVII (1660), ao ambiente aristocrático e da rica alta burguesia, sobretudo o inglês. Nesta época, era moda os jovens (rapazes, pois só mais tarde, já no século XIX é que as meninas puderam empreender esta aventura mas, atenção ! sempre acompanhadas de uma tia solteirona...) de famílias, sobretudo, nobres e muito endinheiradas submeterem-se como que a um ritual de iniciação cultural, essencial para a entrada na alta sociedade inglesa. A Itália era o Éden onde se podia *beber* o que de mais requintado e belo o homem atingira a nível cultural quer no domínio das artes, quer da música e onde se ancoravam as raízes civilizacionais ocidentais.

Assim, Itália era destino final inevitável para estes jovens correspondendo o percurso da viagem, sem qualquer objetivo quer religioso quer de jornada escolar, a um itinerário mais ou menos padronizado atravessando França, com passagem por Florença, Pádua, Turim, Pisa e Bolonha, sendo um período de estada em Veneza e em Roma essenciais. Alguns iam, ainda, até Nápoles, visitavam Pompeia e Herculano. No percurso, em Paris, tomavam lições de francês, dança, esgrima e hipismo, bem como absorviam as maneiras da boa sociedade francesa incluindo saber estar na corte e moda. Na viagem de regresso atravessavam os Alpes, visitavam os países de fala germânica bem como a Holanda e Flandres. Os jovens deslocavam-se acompanhados por um *cicerone*, tutor perito nas áreas a apreender e de todo um séquito – pajens, cocheiro, cozinheiro,

As elites consideravam estas viagens como um *ritual de passagem*, fundamental e necessário, mesmo apesar de se irem popularizando com o advento das facilidades de transporte (combóio, barco). O *Grand Tour* era mais do que uma viagem cultural – nas palavras do historiador E.Thompson (1924-1993) “o controlo exercido pela classe governante no século XVIII centrava-se primeiramente numa hegemonia cultural e só depois numa expressão de poder económico ou militar”.

Também do Norte da Europa, e até de fora do continente europeu, jovens ricos protestantes, começaram, a partir de meados do século XVIII, a empreender esta viagem de aprendizagem cultural – as deslocações começaram a ser mais *banalizadas* com o incremento das viagens de comboio e barco com a consequente diminuição dos custos atinentes.



De uma forma grosseira podemos pensar nestas viagens como o embrião das atuais viagens culturais, hoje felizmente alargadas a todos os que querem (e, ainda e sempre, podem) deleitar os olhos e o espírito; então era privilégio de uns quantos endinheirados como referido.

Não havia tempo, nem duração (de formação) pré-definidos – as viagens podiam ir de meses a anos, dependendo do interesse e curiosidade quer dos jovens quer dos tutores que os orientavam – os custos da formação eram irrelevantes, o que interessava era a convivência *in loco* com o legado cultural da antiguidade clássica e do Renascimento e o convívio com a sociedade aristocrática, polida e em moda, do continente europeu, constituindo uma oportunidade única para observar certas obras e escutar determinadas peças de música de grandes mestres, situações fundamentais para a adequada formação desta elite. O historiador E.Gibson (1737-1794) referiu que “de acordo com a lei e o uso, e talvez a razão, viajar para o estrangeiro, completa a educação de um aristocrata inglês”.

Neste século (XVII) começou a desenvolver-se a ideia de viajar por curiosidade e aprendizagem, tendo o filósofo



inglês John Locke (1632-1704) num ensaio afirmou que "...o conhecimento vem inteiramente da percepção do exterior, que o que sabemos vem dos estímulos físicos a que estivemos submetidos. ...Viajar é necessário para o desenvolvimento do espírito e alargar o conhecimento do mundo."

Já no século XVIII o sentimento típico era de que os observadores estudiosos que viajavam através do mundo tinham obrigação de reportar a observação pessoal à sociedade menos afortunada, para aumentar o seu bem estar – o *Grand Tour* prosperou neste contexto.

Porque o *Grand Tour* simbolizava riqueza e liberdade, outro aspeto ressaltado era de que, para além da esmerada educação facultada aos afortunados, havia todo um enriquecimento cultural pessoal dado pelas obras de arte que aqueles adquiriam e traziam para casa facultando-lhes prestígio e posição social. Como acima referido a difusão/banalização dos meios de transporte, no início do século XIX, conduziram ao surgimento de um novo tipo de *Grand Tour* – o hábito das viagens continuou, mas qualitativamente diferente: mais barato, mais seguro, mais fácil e aberto a toda a gente. A Alemanha e a Suíça passaram a integrar os itinerários e o *Grand Tour* foi alargado às meninas da classe alta que, em viagens a Itália, completavam a respetiva educação.

Segundo alguns antropologistas, embora o fenómeno se tenha iniciado em Inglaterra o mesmo foi rapidamente adoptado pelos países nórdicos porque a sua raiz cultural reside na mitologia escandinava – de entre as mitologias indo-arianas a escandinava é a única onde deuses "viajam longas distância para aprender os costumes e os hábitos dos humanos ... tal viajantes itinerantes cuja fome de saber e aventura não tem limites".

Ao terminar idealizei a nossa *Grand Tour* – FLORENÇA !!!!!

Será?